

Notas da Assembleia do Movimento Comunhão e Libertação em São Paulo com Olavo Gruber e Marco Montrasi – Fevereiro 2018

Textos de referência: *L. Giussani*, Por que a Igreja, Ed. Cia Ilimitada, 2015, pp. 262-270
Jornada de Outubro (*No início não foi assim*, Revista Passos nov/2017)

Cantos: Si jamais j'oublie / Debaixo d'água / Alvorada

Veni Sanctes Spiritus. Veni per Mariam

Olavo: A proposta hoje é retomar o caminho que temos feito desde a Jornada e com o texto do *Por que a Igreja*. Queria só falar um pouquinho da música que a gente cantou agora:

“Debaixo d'água, protegido, salvo, fora de perigo / Aliviado, sem perdão e sem pecado / Sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar / Mas tinha que respirar”. Para mim é assim. Estou aqui por que tenho necessidade de respirar, de caminhar.

Colocação: Queria contar uma experiência a partir do trabalho que estamos fazendo sobre o livro *Por que a Igreja*: “É na imanência, vivendo dentro da comunidade eclesial que, quase por osmose continua, que tais verdades penetram, dia após dia, de maneira incalculável, através da membrana da nossa consciência. Chega-se assim, àquela certeza é clareza da verdade de que o homem necessita para enfrentar a vida” (p. 263). Essa frase se torna concreta pra mim quando olho pra minha história pessoal, quando encontrei o Movimento e fiz o encontro com essa Presença! Era exatamente esse texto, esse Livro que o então grupo que eu fazia parte, os Jovens Trabalhadores (JT), estava trabalhando. E como tudo era novo pra mim eu tinha muita dificuldade em entender as palavras que o texto trazia, mas estava tão maravilhada por aquilo que me aconteceu, que no final da Escola de Comunidade procurei um amigo e queria de todo modo entender as palavras pra não perder nada. Eu não entendia literalmente o que significava a frase “pressão osmótica” e o que isso tinha a ver com a Igreja, e nem usando isso como imagem me ajudava a entender o que significava. Então, naquela época esse amigo me disse: o importante não é entender a definição, mas permanecer fiel a esse acontecimento que te maravilha e ver acontecer no tempo essa osmose!

Hoje, após 20 anos que fiz essa pergunta, me dou conta de que essas verdades penetraram em mim ao longo do tempo, e tenho claro cada vez mais essa verdade de que necessito para enfrentar a minha vida cotidiana, com toda a dificuldade e o empenho diário que exige. Eu não me sinto sozinha e abandonada numa promessa que não se realizará, ao contrário, a cada dia, permanecendo nessa companhia – que é feita de pessoas e momentos de pessoas –, vou crescendo nessa certeza, porque sou lembrada a todo instante, através dos gestos que me são propostos, como esse, por exemplo, qual é a minha real necessidade!

Sobretudo nesse tempo em que tenho acompanhado mais de perto o trabalho de Escola de Comunidade com o Carrón pelas transmissões, percebo que ele aponta um jeito de fazer esse caminho através das experiências que as pessoas colocam ali quando falam do que acontece em suas vidas. Por exemplo, quando um senhor contou sobre a experiência da Coleta de Alimentos, ele ficou maravilhado, ou aquele músico, Marcelo, que foi na prisão fazer caritativa. Ele se perguntava “mas como vou olhar para aqueles presos?” e ele deu um juízo muito bonito quando disse que vai olhar como ele se sente olhado. Vendo os juízos que eles dão naquela Escola de Comunidade e comparando com o texto, é uma ajuda muito grande para mim, pois me lembra que não é a partir da parte teórica ou da definição do que é osmose que alguém me convence de alguma coisa, mas vai além de uma explicação, porque me desafia a ampliar meu horizonte e a verificar na minha história o quanto essas certezas se tornam carne na minha vida. Não tira o drama nem o trabalho, mas me dá uma segurança para caminhar e avançar cada vez mais nessa história.

Sou muito grata por fazer parte desse caminho que me faz aprender sobre mim além da minha capacidade. Hoje não me preocupo mais com as definições, mas me vejo cada vez mais curiosa em aprender a cada dia, como o Carrón sugere, submeter a minha razão à experiência e assim, por mim mesma, constatar essa verdade que a Igreja comunica ao longo dos séculos na minha vida!

Bracco: Mas, então, o que é osmose? Eu acho muito bonita a descrição da sua experiência, é verdade que nós começamos a constatar que não ficamos mais preocupados com as definições. Mas quando você começa a fazer esse caminho, esse percurso que é toda a descoberta dentro da experiência, daquilo que lá é falado, é bonito surpreender como a gente volta às definições, conquistando as definições. Nós não vivemos por definições, mas estamos sendo educados a não esquecer as definições e conquistá-las pela experiência. Porque depois voltamos para aquelas definições que se tornam vivas.

Então, você começou a verificar na sua experiência o que significa a pressão osmótica. E quando começa a verificar uma coisa, uma outra, você volta àquelas palavras que não são mais definições geladas. Tornam-se palavras vivas! Nós conquistamos as definições. Dá para entender?

Colocação: Eu não sei explicar essa parte da definição, do que é, mas vejo na minha vida que é essa mudança do jeito de olhar, que não é uma capacidade minha que eu adquiri. Eu começo a olhar a realidade a partir de um outro olhar que eu tenho sobre mim. Por exemplo, para chegar nessa parte da pressão osmótica ele estava falando antes das verdades que aprendemos no catecismo que é a encarnação e depois a ressurreição. Eu estudei isso no catecismo, eu sei a definição, mas hoje eu percebo que essa definição é mais clara a partir da minha experiência quando eu olho para tudo aquilo que construí a história da Igreja na minha vida, ao longo desses anos. Então de fato a encarnação é uma coisa visível, não é absurda, e a ressurreição é um convite para entender cada vez mais que isso é a minha salvação. Então é sempre isso: uma mudança que penetra. Quando têm tempo livre, as minhas filhas ficam o tempo todo na frente da televisão. Parece uma bobagem, mas aquilo que elas estão vendo vai sendo absorvido na vida delas. Eu percebo a mesma coisa para mim: se eu me desligo de algumas coisas que não me lembram qual que é o essencial da minha vida e foco naquilo que realmente me ajuda, eu também absorvo essas coisas e isso muda a forma de encarar a realidade, o dia a dia. Por isso eu não deixo elas ficarem vendo muito televisão, eu proponho outras coisas. Porque eu percebo que a gente absorve essas coisas. Então quando fala de osmose eu entendo isso: uma coisa que absorve mas pode também ser negativa. Se eu escolho o caminho que a Igreja me propõe, essas verdades penetram em mim sem eu me dar conta.

Bracco: Por exemplo, após o período de férias, depois dos textos que nós trabalhamos da Jornada do Início do Ano, dos Exercícios, retomamos esse livro, e pode acontecer de se perguntar: “Caramba, depois de todos os testemunhos, descrições do Carrón, agora pegamos o livro e vamos ler o ‘magistério ordinário’. Você acorda de manhã e vai ler 10 minutos, e você se pergunta: o que tem a ver?”. E eu comecei a primeira Escola de Comunidade depois das festas retomando o texto assim, eu tive que fazer esse trabalho. E foi muito interessante porque logo na primeira frase quando eu comecei a ler estava escrito: “perguntamos agora como acontece na Igreja essa comunicação da verdade divina”. O que significa a comunicação da verdade divina? É a mensagem de segurança e certeza sobre os significados últimos da vida! Como acontece essa comunicação que a Igreja faz para mim, essa mensagem de certeza e segurança sobre a verdade última da vida? Poderíamos dizer que acontece de duas maneiras: através do magistério ordinário e do magistério extraordinário. Então é como quando você acorda de manhã ou tem que sair para vir para cá ou agora aqui nessa sala. Você tem que se perguntar: mas o que me dá a energia, a vontade, a força para eu querer sair para trabalhar hoje, para encarar o meu marido ou a minha esposa que talvez não esteja no período melhor, ou do seu filho que está naquele momento complicado e você que se sente impotente, ou tem uma aridez, por que é importante essa coisa? Porque sem que seja comunicada para mim de novo a verdade divina, que significa esse olhar que me faz viver, a verdade divina significa aquilo que me define, aquilo que me dá oxigênio para viver, que eu preciso todos os dias,

mais do que o ar, a água ou o café com leite. Eu preciso de uma verdade, isto é, algo que me dá certeza e segurança para viver, para me levantar quando dentro do trabalho alguém me dá uma rasteira. Sem as verdades divinas nós não vivemos. Vivemos mal. A verdade divina é um olhar que todo dia me é dado de quem eu sou, de Quem me dá consistência, do onde me vem me a força para retomar, quem me perdoa, quem me dá a certeza de que tem uma Presença viva que nunca me abandona, quem me dá certeza de que eu sempre sou perdoado, quem me dá certeza que tem o mistério da trindade, pelo qual eu não sou só eu. Eu me torno mais eu se existe um Tu. Eu preciso de todas essas verdades para viver. E ter um lugar que todo dia me comunica essas verdades. E como me comunica isso? De uma forma que não aparece, onde não se vê aparentemente nada: no fenômeno da osmose. Estando aqui eu posso receber essa comunicação dessas verdades.

Passa em mim de alguma forma. Mas o Carrón falava na última Escola de Comunidade que essa pressão osmótica não é um automatismo. Não é só pelo fato de estar aqui que você absorve e vai para casa. Para que aconteça esse fenômeno da pressão osmótica precisa de uma diferença de potencial, precisa de uma sede minha. Entre essa potência divina e eu precisa dessa diferença de potencial. E quando não vivemos essa sede, essa pobreza, não passa nada. Por que é importante essa pobreza? Porque é o que permite essa osmose. Se não tenho sede, se não tenho os poros da minha consciência abertos, não passa essa verdade. Então esse é só um exemplo de como foi para mim a descoberta através da leitura de uma frase do livro, de uma definição: é fundamental para viver, como se abre uma frase de três linhas, dentro de um trabalho, dentro de um lugar, é como uma flor que se abre. E não é mais uma definição abstrata, se torna uma vida, se torna uma aventura, mas parte de uma frase, parte de algo que parece um tijolo jogado na cara, um galho seco. E depois começa a se abrir, começa a se perceber um perfume. E você volta àquela definição que passa a ser tua. Não é mais uma coisa fora de mim, abstrata, tanto que se alguém te pergunta na rua “o que você acha da pressão osmótica?” você saberia dizer para ele dependendo de quem ele é, você sabe dizer o que é. E se for uma criança você não vai responder que a pressão osmótica é a diferença de potencial, mas você sabe falar com palavras simples. Se chega alguém você sabe repetir a definição, você decorou a definição. Mas não como algo abstrato. É fantástico esse caminho. Vamos em frente: O que descobrimos dessas palavras e dessa experiência?

Colocação: Era justamente esse ponto que eu queria comentar aqui sobre essa questão da membrana. Eu percebi que é justamente aqui que estava o meu trabalho. Então para mim toda essa questão agora de estar sem emprego, a serenidade com a qual estou vivendo esse momento para mim vem um pouco dessa questão: como que eu trabalho essa membrana, ou seja, como ela é permeável para mim? Para mim foi uma grande descoberta que a coisa mais importante que aconteceu foi perceber que sou atingido por Cristo. Essa foi uma coisa que nos 30 e poucos anos do Movimento acho que tinha experimentado pouquinho, mas não com tanta intensidade quanto foi no ano passado. Eu percebo em mim que todo esse trabalho que o Carrón tem nos ajudado a fazer, em mim produziu uma coisa totalmente diferente que foi ter a percepção de que sou atingido por Cristo. Isto é tão contundente que comecei a olhar todas as coisas a partir desse negócio, todas as pessoas que eu encontrava. Não sei, antigamente eu sempre vivi essa questão do testemunho como proselitismo. Estou lá no trabalho então eu sou uma testemunha, com um certo proselitismo, de querer trazer a pessoa para o movimento. Enquanto que essa percepção de ser atingido é algo totalmente fora da minha mão e isso para mim revolucionou a forma com a qual eu vivo e olho para as pessoas. Porque todas as pessoas que encontro eu penso “quem sabe o que o Mistério pensa para essa pessoa?”. O Mistério sabe. Isso me tornou muito mais livre nos relacionamentos. E essa percepção de ter sido atingido por Cristo também foi como uma experiência de me apaixonar, porque foi tão marcante que a minha humanidade começou a vir à tona. A liberdade com a qual estou vivendo agora esse período que – essa questão do trabalho sempre me senti muito dependente, ou até mesmo a questão econômica – de ficar livre nessa questão econômica isso para mim foi uma revolução. Vivo uma liberdade imensa, de alguém que pertence totalmente.

Para mim foi muito iluminadora essa última Escola de Comunidade do Carrón. Também o testemunho de uma moça que fala que pelo fato de ter encontrado Cristo, ela encontrou tudo e que ela não precisa de mais nada. Eu estou fazendo a mesma experiência. Aquilo que o Carrón fala que às vezes precisamos de muletas, pontos de apoio. Mas eu tenho tudo para confiar totalmente que a realidade é de Cristo.

Colocação: Sobre esse trecho da Revista “o teste sobre se o acontecimento está acontecendo agora é a forma com que eu me relaciono com as pessoas e as coisas”. As minhas férias foram um pouco exóticas. Na primeira parte, como sobraram umas vagas nas férias dos padres, em Florianópolis, e acabei sendo convidada. Foi muito original. Então, quando me vi assim, eu pensei “esse negócio é muito constrangedor”, me senti uma supervisora. Mas eu comecei a me surpreender que não tem nada a ver esse negócio, porque nós somos livres. Teve uma assembleia e os padres foram colocando as suas questões. E eu fiquei muito emocionada porque colocaram questões muito primárias e humanas como “não gosto da minha paróquia”, “acho aquela comunidade é muito chata”, “tenho dificuldade disso”, “o outro padre é péssimo”. E eu podia ter dito “puxa vida! Estou na mão de quem?”, mas ao contrário eu pensei: “Meu Deus, eu gosto demais dos padres e dos consagrados e rezo sempre por eles. Eu acho um assombro alguém ser consagrado, porque coloca toda a vida dela nesse amor. E isso já seria para mim uma prova da existência de Deus. Ou pelo menos uma suspeita muito grande”. E nessas férias era tudo muito lindo, o Movimento tem essa quase obsessão pela Beleza. E a gente ficou numa casa dos jesuítas, numa casa maravilhosa e tinha um mirante lindo e vinha um monte de gente de ônibus, carro, para olhar aquela vista. Além disso, em Florianópolis mora um casal de amigos, e eu dei aula para ele em 1983, foi um dos meus primeiros alunos. E isso é impressionante porque eu o conheci porque ele perdeu uma prova de literatura no dia em que o pai dele faleceu. Eu tinha centena de alunos e não o conhecia. Ele veio para mim “professora, perdi a sua prova porque meu pai morreu” e por causa desse fato a gente acabou virando amigos, fui me aproximando dele. E isso é impressionante também porque eu disse: “Puxa! Deus deixa a gente solto no rio, mas vai ajustando as margens”. Eu tenho a suspeita de que Deus fez coincidir a data da prova com o dia do falecimento, porque acho que se não fosse esse detalhe eu não teria me aproximado dele. Aí eu fiquei alguns dias na casa deles e me senti verdadeiramente em casa e também comovida por essa história longa.

A segunda parte das minhas férias foi o acampamento de carnaval, que foi maravilhoso. E não choveu! Mas isso tudo eu estou falando, mas o que muda é o comportamento. Como a gente sabe que a Presença é presente? Porque a gente se move de outra maneira e no acampamento tem um monte de coisas para fazer. Então é impressionante porque falam “precisamos de quatro voluntários para lavar a louça” e dez levantam a mão. “Mas quatro está bom”. Mas aí vamos ver o pessoal lavando a louça e tem oito pessoas, porque um ajuda o outro.

O tempo todo sobrava e eu pensava “como é fácil viver assim porque as coisas fluem”. E depois fazíamos a caminhada. Mas como depois de 3 horas andando debaixo do sol no meio das pedras chega numa cachoeira maravilhosa e a gente sempre se ajuda. E a noite teve o baile de carnaval e eu dancei a noite toda. Depois de seis horas de caminhada, eu queria dançar, estava feliz porque tinha muitos amigos, tinha a companhia de amigos que me ajudaram o tempo todo. Puxa! Como é bom ter amigos, muda o jeito de viver. Então acho que isso é o sinal da Presença Presente.

Bracco: É importante ir lá até o fundo disso: o que muda? O que muda em nós quando acontece essa Presença? O que muda em mim quando acontece essa Presença? Ela falou das consequências: você vê coisas que antes não estava vendo, você sente algo que não estava sentindo. O que muda? Porque isso daqui é a coisa mais importante!

Colocação: Não sei se eu sei responder o que muda, mas eu fui para o acampamento também e foi bem mais complicado ter ido para o acampamento porque a minha filha ficou muito doente. Pensei

que ela fosse morrer no acampamento. A gente saiu de casa e ela já tinha sido medicada com um antibiótico porque ela estava com dor de garganta e eu decidi ir porque achei que o antibiótico ia fazer efeito. Eu tive que dar um juízo, e pensei “ela foi medicada, o remédio vai fazer efeito, ela vai ficar bem”. Mas depois as coisas foram piorando. E agora? Será que fiz um juízo errado? Aí falei: agora Deus vai ter que acontecer de novo, o Senhor vai se mostrar aqui. E minha filha ficou na cama o tempo todo e não sei como eu consegui viver a alegria toda do acampamento, não perder nada e carregar a minha filha tão doente porque ela não comia, chorava, teve de ficar na barraca, e eu falei “vai acontecer de novo” e foi acontecendo: tinham três médicos que iam lá para ver como ela estava, outra amiga foi buscar o remédio, um outro foi levá-la no pronto socorro. E nunca passou na minha cabeça que minha filha estava perdendo alguma coisa. Eu entendi que aquilo que ela estava vivendo era para ela também e que a gente ainda não viu tudo o que essa experiência transformou nela e em mim. Mas eu sei que com o tempo eu vou perceber essa mudança que aconteceu. Porque minha filha é uma menina muito viva e lá tinha tudo que ela amava, tudo: tinha um menino autista que eu tenho certeza que ela ia cuidar, mas não pôde, tinha as meninas que ela queria pintar, tinha a caminhada que ela queria fazer e não fez. Então o que mudou em mim era uma certeza, esperança de que Deus estava presente e que Ele ia acontecer. E eu suplicava para Ele me sustentar e amparar naquela situação.

Colocação: Muda que eu começo a viver, que na realidade eu posso também saciar essa sede. Explico. Eu trabalho com definições, e não são quaisquer definições, são essas definições. Eu trabalho com definição de pessoa, definição de ética, meu trabalho também tem íntima relação com a Igreja, com o destino, com o percurso da Igreja. E aí a primeira imagem que me ocorre da osmose é aquela coisa do ensino da química: para ter osmose preciso estar perto. Uma membrana que é muito fina e tem aquelas duas soluções com aquelas composições diferentes. Primeiro equívoco que ocorre para mim é que se eu ficar muito próximo ou imerso a coisa vai acontecer naturalmente, a osmose vai acontecer. E aí eu descobri que falta um elemento para que a membrana funcione. Eu tenho que reconhecer que eu tenho sede. Se eu não reconheço que tenho essa sede não acontece. Não é igual o laboratório da química. De alguma forma tem um bloqueio. No momento em que eu me abro, aceito que eu tenho sede, a pergunta imediata é: mas aonde sacio essa sede? E aí vem a companhia. Onde eu saciei essa sede na última semana? Foi no encontro da Escola de Comunidade que não é uma abstração, que tem nome e sobrenome, foi no encontro com os meus amigos. É possível matar essa sede. E o que muda para mim é o seguinte: eu não quero ficar só com essa degustação que esses momentos representam. Eu quero viver isso com os meus alunos, com os meus colegas professores, dentro do trabalho. E aí muda o meu cotidiano, a realidade. Eu vou a uma reunião que é chata porque só tem pessoas com cara fechada, que só pensam em dinheiro, mas entro na reunião desejando que aconteça o mesmo que acontece no almoço com alguns amigos. Entro na universidade, olho para os meus alunos com a mesma sede de fazer uma amizade com eles como experimento na degustação que acontece com esses outros amigos meus. Então muda a forma como vivo o cotidiano. Não é que me tornei mais forte, mais sábio, trabalhei melhor as definições. Ao contrário: eu reconheço a minha sede, eu me reconheço ainda mais frágil. Mas sei que é possível porque já experimentei que é possível.

Bracco: Vou contar uma coisa para vocês do porque acho interessante aprofundar isso. Porque é verdade que tem a mudança e tem vários aspectos de uma mudança que podemos surpreender. Coisas que vemos, que percebemos. Uma vez uma amiga começou a contar que estava vivendo uma experiência de explosão de vida. Mas acontece, assim como nas melhores famílias, que não é que todo mundo se dá conta da sua explosão de vida, ou ainda, não é que todo mundo automaticamente gosta da sua explosão de vida. Às vezes a explosão de vida de alguém incomoda. Então, pode acontecer de começar a sentir todas as suas asas sendo cortadas em pedacinhos. E no final do dia você se sente um passarinho sem as plumas. E naquele dia estávamos falando do texto que falava do Ulisses, do desejo dele de ir além das colunas de Hércules. Mas como é que me acontece algo

que me faz explodir esse desejo de ir além das colunas de Hércules e ao mesmo tempo me acontece tudo isso? Como é possível viver? Olha, é muito interessante. Pode ser na Casa dos *Memores*, numa família, pode acontecer em qualquer lugar isso. Aí me veio essa pergunta: o que é para nós ir além das colunas de Hércules? Aquilo que me acontece com Cristo tem a origem aonde? Onde está a origem da mudança? O que mais muda Cristo em mim? O que é mais interessante, mais profundo, mais poderoso que o encontro com Cristo faz acontecer em mim? É a novidade da descoberta da minha razão e da minha afeição. É uma novidade absoluta, impensável, na capacidade de me dar conta das coisas, da capacidade de possuir as coisas, de ver coisas que não estava vendo. Mas isso tem uma origem que está toda dentro de mim. Dá para entender? Não é uma análise psicológica. É como uma faísca, é o Big Bang mais poderoso do que o Big Bang que criou o mundo, aonde se dá origem um novo eu! O meu novo eu tem origem na razão, na minha capacidade de razão e de afeição. Por que Santa Terezinha do Menino Jesus foi proclamada a padroeira das missões se ela ficou parada dentro de um mosteiro? Porque ela viveu esse Big Bang da sua razão e afeição e abraçava todo o mundo. Estava dentro de um buraco, muitas vezes quebrada, com o peso da fadiga, das coisas... Então é interessante lembrar, ver, aprofundar isso: qual é a origem da minha mudança que gera Cristo? Algo que eu possa perceber assim, olhando, não podendo fazer nenhuma outra coisa, talvez doente e eu ter a consciência de que Ele está gerando esse Big Bang. Porque você nunca sentiu as coisas assim, você nunca viu as coisas assim, você nunca teve a vontade de perdoar o outro assim, você nunca percebeu a liberdade pensando que poderia dar mais tempo ao seu filho para entender as coisas porque antes você queria que ele mudasse o quanto antes e ficava com raiva ou muito mais preocupado com ele. Perceber todas essas mudanças é a mudança da razão e da afeição que gera Cristo porque o meu seguir Cristo não é o seguir uma pessoa que de vez em quando joga para mim um pouco de pó de gosto das coisas. Não! Ele me dá a sua capacidade de razão, a sua afeição. E quando eu descubro isso é um Big Bang! Por isso que você pode viver até aquelas fadigas de alguém que te corta as asas e não ser cortado dentro do teu eu, ninguém te tira mais isso. Dá para entender? Que possibilidade de mudança nós podemos tomar mais consciência que acontece através dessa osmose, através do magistério ordinário e extraordinário? Porque me comunica essa nova forma de ver e sentir. E muitas vezes nós procuramos o Big Bang “ao contrário”, isto é, se não tiver a fumaça, a explosão, o resultado da minha ação missionária, as comunidades que mudam por causa de mim, significa que não está acontecendo nada. É ao contrário! Essa origem quase invisível vem dentro da minha consciência, através da minha razão e afeição.

Colocação: Tem essa parte na pág. 264 que ele fala: “deveria estar apaixonado por aquela vida e aquele ensinamento que percorre os séculos há dois mil anos, e orgulhoso de ser um herdeiro de uma tal tradição”. Essa coisa que você está falando para mim é assim: não é que a definição muda para mim. Sou eu que mudo! Eu mudo porque, por exemplo, quando eu comecei a ler esse texto eu achei absurdamente distante de mim, extremamente abstrato, eu quase pensei “Nossa! Que bom que alguns amigos estão na Escola de Comunidade, porque ninguém vai entender esse texto”, de tão distante que era para mim. Mas agora te ouvindo é como se tivesse mais gratidão de ter tanta fadiga para trabalhar esse texto. Ter um lugar que me propõe porque eu agora volto nele e ele é meu. E estou apaixonada por isso. A vida toda que gera o dogma, a verdade das Igrejas ou o que a Igreja precisou desenvolver é a minha pessoa. Eu fico apaixonada, que seja essa vida. Foi o que eu falei na última Escola de Comunidade porque lendo, fazendo o trabalho, é como se eu entendesse que essa vida que Dom Giussani fala sou eu. A Igreja sou eu agora, ou quando estou no meu trabalho e a forma como eu vivo meu trabalho, é isso que Dom Giussani está falando. E assim como ela falou, acho que todo mundo tem que ir ao acampamento. As pessoas param no problema do banheiro ou em outros problemas, mas é absurdo como a gente pode viver o que todo mundo vive. Mas quando ele fala dessa vida, para mim fica evidente que é uma outra coisa. Eu tenho uns colapsos, porque fico abismada como a gente é igual a todo mundo, mas essa vida que Dom Giussani fala e a Igreja é uma outra coisa. Eu fico muito grata ao trabalho da Escola de Comunidade, porque como pode ser

que um livro no começo possa ser só um livro, um papel ou só uma teoria e agora ser diferente. A minha consciência no trabalho agora é outra, principalmente agora que uma amiga do Movimento está lá comigo, eu sinto que eu sou a Igreja que acontece agora. Não sei se vai ter outro dogma mais para frente. Até isso é como se eu entendesse que é o meu eu que muda. Enfim, me ajuda, queria agradecer.

Olavo: Ou o que contamos é uma experiência que eu faço agora, que é minha, ou segunda-feira a realidade é tão insuportável que vai continuar, como fala Pavese, quebrando as pernas. Então essas coisas que a gente verifica e experimenta, quando são minhas, a segunda-feira é diferente, é diferente diante das adversidades da vida. A experiência que eu tenho feito é que eu nunca me percebi tão eu como agora, porque eu me percebo cada vez mais dentro das coisas, daquilo que acontece, abraçando aquilo que acontece. É abraçando o trabalho, a família. A grande diferença – isso foi o Papa Francisco que falou – do cristão e do mundo, é que o cristão tem coragem de encarar a vida, de abraçar aquilo que acontece e não aquilo que gostaria. Por isso é meu. Eu fico muito comovido de fazer parte disso porque em nenhum lugar eu poderia dizer eu como eu digo hoje. Então, graças a Deus, as coisas acontecem como acontecem porque é a possibilidade de eu me relacionar cada vez mais com ele. E tornar cada coisa sagrada, por isso a Igreja. Sagrada: minha, muito mais minha.

Colocação: Eu queria trazer um outro elemento dentro de tudo que já foi falado. Nesse tempo, desde o lançamento da Jornada, vivi certas circunstâncias da minha vida profissional que me levaram a ter que avaliar meus 20 funcionários. A empresa coloca uma ficha de compromisso, seriedade, inovação e a gente tinha que dar nota para cada um dos funcionários. Então eu avalei cada um dos funcionários e depois eu as entreguei para o meu chefe. E tem um momento em que o chefe chama o funcionário para confrontar a minha avaliação e como eles se auto-avaliam. Então imagina: isso vai ser importante para saber se o cara vai ser promovido ou não. Logo, isso gerou muita confusão. Teve cara que não aceitou a avaliação. Mas foi um momento em que me perguntei sobre a realização profissional. A realização profissional onde está? Eu estava envolvido nessa dinâmica quando veio a Jornada de Outubro. E pensando: como eu me sinto? Sou uma pessoa realizada ou não? Onde está a minha salvação? Dentro dessas circunstâncias eu fui entrar no prédio, e o porteiro me chamou e disse: “Hoje é o meu último dia. Vou me aposentar, então a partir de amanhã não vou mais estar aqui. Queria te dizer isso. E, olha, eu sou ninguém, eu estou aqui, você é engenheiro, mas aqui passa o aluno, o funcionário, o superintendente, mas eu sou ninguém”. E eu fiquei com essa coisa na cabeça. “Mas eu também sou ninguém. Todos nós somos ninguém”. E logo no começo ele coloca a autoridade da vida porque eu na minha cabeça pensei em tantas coisas, profissionalmente. Quando me formei, falei “vou trabalhar com agricultura, posso produzir muito mais” e não deu nada certo e fui trabalhar com energia nuclear. Quantos sonhos eu tive que não se concretizaram! Mas o que a gente aprende no Movimento? Qual foi a grande ajuda, educação que recebi do Movimento? A educação foi no sentido de reconhecer na realidade aquilo que o Senhor propõe para a gente, dentro dos encontros concretos. E quando a gente é simples e obediente aos encontros e acontecimentos que o Senhor nos proporciona, e segue isso, a utilidade da vida é muito maior. E a gente passa a fazer coisas que eu nunca teria imaginado. Dentro disso a vida da gente é útil! Mas para viver assim tem que ser simples, despretensioso. Voltando aos 20 funcionários, à avaliação dos caras: tinha um cara que tinha mais idade do que eu e na hora que ele viu a avaliação, que era positiva, ele não quis aceitar, e saiu da sala. O meu chefe ficou uma arara e disse que esse cara está fora. No fim eu tive que defender o cara que foi infantil e tinha uma compreensão errada da vida. Eu entendi que a educação do Movimento é essa: é a simplicidade em olhar a realidade, perceber como o Senhor vem ao nosso encontro dentro dos acontecimentos da vida e com humildade seguir isso daí. Porque a nossa vida profissional, nossa vida pessoal vai ser muito mais eficaz, muito mais útil do que se aquele sonho que a gente tinha se realizasse. Então agradeço muito esse tempo, esse trabalho que estamos fazendo, pois me ajudou a ter uma consciência da minha

vida, da minha realização e eu me sinto feliz. Eu completei 35 anos de trabalho: eu sou feliz, tenho uma vida que posso dizer que valeu a pena. Eu sou muito grato.

Bracco: Sobre essa coisa que você falou agora, eu tive uma conversa com um amigo nesses dias e ele disse que todo dia que acorda de manhã é uma batalha, porque vêm todas as coisas do trabalho, os problemas. O começo do dia, nos primeiros minutos, sempre é uma batalha. Eu fiquei muito marcado, impactado com isso. E logo depois eu pensei: olha, que graça que eu tive de ter encontrado alguém que sempre me lembra de João e André, por exemplo. Quando nos deparamos com uma dificuldade, quando começa o dia, quando acontece alguma coisa... Eu fui educado, caminhei com alguém e aprendi por causa dessa osmose, e agora quando acontece alguma coisa tenho a graça de um pensamento “mas como é que acordavam de manhã João e André? O que fazia o João quando morria uma pessoa querida?”. Isso é uma coisa genial porque nos coloca dentro de um vínculo, é uma forma nova de usar a razão. Porque imagina, você acordar de manhã e enfrentar tudo com a sua forma de pensar, com a sua modalidade de viver ou começar tudo, cada ação, provocado e pensando “como é que eles se moviam?”. E logo vendo a diferença: como eles estavam ligados a essa Presença. Era a primeira coisa. Não, não era a primeira coisa. Era a primeira coisa logo depois do pensamento que lhe dava angústia. É bonito isso porque não era a primeira coisa, mas em vez de ser a quinquagésima, como também é ou era para nós, começa a ser a trigésima, a décima, até chegar a ser a segunda. Porque a primeira é a nossa, é a nossa reação que gera aquela inquietação, ou aquela angústia. Sem a primeira reação nossa não teria sede, mas que bonito que seja a segunda. Como é que fariam João e André? Vem à memória aquela Presença, e começa a ser sua. Isso muda a razão e a afeição e começa a entrar dentro das circunstâncias uma medida nova. Isso aqui tem a ver com um verbo que o Carrón tem usado sempre ultimamente: *assecondare* (não tem tradução em português). Vem do latim *secundum*, que significa favorecer, seguir. Dom Giussani sempre usava esse verbo e Carrón está usando sempre também. É um seguir, mas dá a ideia de um seguir que tem dentro uma atividade minha. Pesquisando sobre esta palavra encontrei esta imagem: é como alguém que tem uma vela, num barco, e procura o vento. É essa forma de seguir. Você não é o vento, mas você tem a vela. A possibilidade de pegar o vento para se mover depende da sua busca. Esse seguir ativo, como ter sempre a vela que busca o vento. E isso te faz mover. Podemos viver numa passividade, temos a vela, tem o vento, mas o barco está parado, porque não estamos nessa posição de seguir assim, de alguém que busca, que está na posição de pegar o vento e ir. Isso é muito bonito, porque gera essa forma de começar a viver, a viver tudo. A viver também as definições que se tornam vida, aquilo que falamos hoje.